

ESTRESSE EM PROFESSORES(AS) ATUANTES EM COLÉGIO E UNIVERSIDADE PARTICULARES NA CIDADE DE MARINGÁ – PARANÁ

Rita Daniele de Oliveira Rosseto¹, Maria Beatriz Vieira Pinho², Ana Gabriela de Arruda³,
Raquel de Paula Carvalho⁴, Robson Borges Maia⁵

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. dany.ri2014@outlook.com

² Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR.
mariabeatriz.vieira001@outlook.com

³ Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. aninhagaby02@hotmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR. raqueldpcarvalho@hotmail.com

⁵ Orientador, Doutor, Docente do curso de Psicologia da UNICESUMAR, Campus Maringá/PR. robson.maia@unicesumar.edu.br

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados de um estudo comparativo e qualiquantitativo, que teve como objetivo identificar as diferenças nos níveis de estresse expressos entre professores do Ensino Superior da Instituição Unicesumar e os de Ensino Fundamental II da instituição Colégio Santo Inácio, ambos localizados na cidade de Maringá, no Paraná. A pesquisa perdurou entre os meses de fevereiro e dezembro do ano de 2020. O estresse afeta a maior parte da população mundial e diversas situações cotidianas podem desencadeá-lo. O estresse pode gerar sentimentos de raiva, ansiedade, irritabilidade, tensão, entre outros, os quais podem causar diversas patologias biológicas e psicológicas, como gastrite nervosa e depressão. Os resultados da pesquisa apontam que o estresse está presente na vida de ambos os grupos de docentes e entre eles compartilham pequenas diferenças nos níveis. A ênfase é dada no ambiente em que os profissionais atuam, a partir da descrição dos mesmos sobre percepção do local de trabalho e suas atividades, relacionando o sexo, idade, escolarização, estado civil, quantidade de instituições em que trabalham, tempo de trabalho, renda mensal, saúde física, entre outros. O objetivo é discutir o estado de saúde mental e níveis de estresse dos professores de acordo com o nível de ensino que leciona.

PALAVRAS-CHAVE: Docência; Educação; Ensino fundamental; Ensino superior.

1 INTRODUÇÃO

O estresse é uma condição que afeta a maior parte da população brasileira. Sobre a condição de estresse entre os brasileiros, Cavalache (2018 *apud* ISMA-BRASIL, 2014) argumenta que 70% da população sofre com alguma decorrência do estresse e, ainda, 30% desenvolve a Síndrome de *Burnout*. Contaifer (2003), cita, em seu artigo, que o estresse é reconhecido pelas Organizações das Nações Unidas (ONU) como a doença do século XX, sendo uma das maiores epidemias mundiais da história.

A síndrome do estresse atinge, inevitavelmente, todas as áreas relacionadas ao cotidiano, em especial a gestão da vida profissional. Prado (2016) define que “estresse ocupacional pode ser entendido como um conjunto de perturbações psicológicas ou sofrimento psíquico associado às experiências de trabalho”. Em relação a isso, existe grande preocupação com profissionais que lidam diretamente com o público, isso porque o esgotamento emocional é o principal foco do desenvolvimento da Síndrome de *Burnout* (OGEDA, *et al.* 2003). A partir de 2022, a Organização Mundial de Saúde incluirá o *Burnout* como uma síndrome crônica ligada à exaustão do trabalho na Classificação Internacional de Doenças (CID-11) (Organização Mundial da Saúde, 2018). Codo (1999), em sua pesquisa realizada com 1440 escolas brasileiras, aponta que 26% dos trabalhadores em educação já apresentavam a síndrome de *Burnout*. Dentre os principais afetados, estavam os docentes.

De acordo com Kyriacou e Sutcliffe (1977), citado por Dalagasperina (2012), o estresse no trabalho docente é apresentado como um fenômeno resultante das experiências difíceis vivenciadas, que podem gerar sentimentos de raiva, ansiedade, tensão e depressão. Dados do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Educação

- SINTEP (2015 *apud* Abacar, Roazzi e Bueno, 2017) revelam que dentre todos os profissionais que apresentam nível superior, os docentes no Brasil têm a pior remuneração, chegando a quase 35% a menos do que os demais profissionais. Soma-se isso à invisibilidade social e desvalorização do trabalho docente (BATISTA, *et al.* 2010). Os problemas de saúde mental encontrados em profissionais da área de educação expressam sinais de preocupação há algum tempo. Dias *et al.* (2018) aponta que a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação apresentou uma pesquisa em que quase a metade dos professores participantes foram diagnosticados com algum sintoma da síndrome de *Burnout*.

Após assimilar algumas dificuldades encontradas na profissão da docência, o presente estudo respondeu a seguinte questão: “O estresse atinge mais professores(as) que atuam em um colégio particular no Ensino Fundamental II ou os que atuam em uma universidade privada?”. O principal objetivo deste artigo é apontar qual o perfil dos docentes que mais sofrem com as consequências do estresse entre os dois níveis investigados. Somado a isso, foi possível extrair, além de informações quantitativas, a percepção qualitativa dos professores, o que nos permitiu analisar as diferentes necessidades e obstáculos enfrentados por cada docente em seu contexto de atuação.

Sá *et al.* (2018) cita, em sua pesquisa, que o estresse ocupacional em docentes pode ter consequências avassaladoras, como: depressão, farmacodependência, falta de ânimo, falta de envolvimento com o trabalho, ausências e atrasos frequentes. Portanto, é de extrema importância entender as origens do estresse na área da docência, caracterizar o estresse no âmbito educacional e reconhecer os níveis de estresse nos docentes de cada instituição. Dessa forma, é possível combater determinantes específicos e diminuir adoecimentos acometidos pelo estresse, aumentando a qualidade de vida dos profissionais no setor docente.

2 MÉTODO

2.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

A presente pesquisa trata-se de um estudo descritivo comparativo, com caráter de uma pesquisa qualitativa e quantitativa. A escolha da metodologia comparativa ampara-se nos objetivos da investigação e torna a análise das informações acessível aos pesquisadores e à comunidade, além de qualificar-se como o método inerente a qualquer pesquisa no campo das ciências sociais (SCHNEIDER E SCHMITT, 1998).

O caráter quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tornando os resultados em técnicas estatísticas (DALFOVO; LANA E SILVEIRA, 2008), portanto, está presente na coleta de dados do estudo pelo meio de um questionário que apresenta afirmações esquematizadas através do Sistema *Likert* e questionamentos socioeconômicos e sobre a vida profissional de cada indivíduo, facilitando o estudo descritivo e mantendo a pesquisa focalizada e estruturada em estatísticas.

O caráter qualitativo não emprega valor estatístico e está baseado em uma análise de problemas (DALFOVO; LANA E SILVEIRA, 2008). Deste modo, buscou-se entender particularidades sobre cada participante do estudo, para a compreensão e distinções sobre as origens do estresse.

2.2 PARTICIPANTES

A amostra do presente estudo realizado na cidade de Maringá, no Paraná, foi composta por 103 professores determinados por conveniência, atuantes no Ensino Superior na instituição particular Unicesumar e no Ensino fundamental II na instituição

particular Colégio Santo Inácio. O único critério de inclusão foi ter, no mínimo, um ano de atuação como professor. Considerando o tamanho total de cada instituição e a quantidade de professores contratados em cada uma, a amostra foi dividida em 15 professores do Ensino Fundamental II e 88 professores do Ensino Superior.

2.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foi utilizado como instrumento um questionário eletrônico individual, elaborado na plataforma *Google Forms*. A primeira parte do questionário referiu-se sobre questões socioeconômicas, (sexo, idade, estado civil, religião e renda familiar mensal), questões sobre a docência, (tempo na docência, área a qual leciona, escolaridade, instituições a qual trabalha, como se locomove até o trabalho e maiores dificuldades encontradas na docência) e questões sobre saúde (problemas de saúde, síndromes ou doenças psicológicas e se o participante realiza consultas com psicólogos ou psiquiatras atualmente).

Na segunda parte do questionário, utilizamos afirmativas elaboradas através da Escala *Likert*, divididas em 3 categorias: 1) Afirmativas sobre o trabalho na docência (9), 2) Afirmativas sobre a saúde física e mental (8) e 3) Afirmativas sobre fatores emocionais (6).

Para a finalização do questionário, utilizamos a TALP (Técnica de Associação Livre de Palavras), pedindo aos participantes que descrevessem as três palavras ou expressões que viessem à mente quando escutam a palavra “estresse”.

2.4 PROCEDIMENTO PARA A COLETA DE DADOS

Para alcançarmos os profissionais aptos a participarem da pesquisa, selecionamos o maior número possível de professores em cada instituição avaliada e utilizamos o *Gmail* para a comunicação com o endereço eletrônico ativo de cada um deles. O *e-mail* enviado aos docentes convidava para colaborar com uma breve apresentação dos objetivos e justificativa da pesquisa, anexados ao *link* do formulário.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de julho e outubro de 2020, durante a pandemia do Coronavírus e, por esse motivo, todo o contato com os participantes foi exclusivamente *on-line* para evitar contaminação. Essa condição pode ter influenciado a captação da coleta de dados, o que explicaria o tamanho da amostra reduzida que não atingiu o número ideal de respostas. Para amenizar esse imprevisto, utilizamos as redes sociais como ferramenta de divulgação e aumentamos consideravelmente o número de participantes, mas, ainda assim, não alcançamos a quantidade de docentes estipulada inicialmente.

2.5 ANÁLISE DE DADOS

Aplicamos o método de análise descritiva, em que os dados foram compactados e resumidos em porcentagens com o uso de palavras-chave detectadas nas falas dos participantes no caso das questões dissertativas. Dessa forma, foi possível organizar as informações disponibilizadas para uma comparação quantitativa do nível de estresse nos dois grupos observados.

Empregamos como referencial teórico para a análise de dados Contaifer *et al.* (2003), que publica um estudo comparativo relevante sobre o público alvo da presente pesquisa e se identifica em alguns objetivos específicos.

2.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Esse projeto foi aprovado pelo comitê de ética (CEP) da Unicesumar o qual é aprovado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, órgão do Conselho Nacional de Saúde – CNS e do Ministério da Saúde – MS. Na Plataforma Brasil, o CEP apresenta o projeto com o número CAAE 33632820.5.0000.5539. Além disso, todos os participantes da pesquisa tiveram acesso direto ao termo de consentimento livre esclarecido no momento em que forneceram seus dados e foram computados apenas aqueles que concordaram em participar do presente estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os professores que aceitaram participar da pesquisa totalizaram um número de 103, dos quais, 65 (63,2%) profissionais eram do sexo feminino e 38 (36,9%) profissionais eram do sexo masculino. Algumas características, como sexo, idade e renda mensal familiar dos participantes estão representadas nas Tabelas 1, 2 e 3.

Tabela 1: Caracterização dos participantes diante do sexo.

	<i>Ensino Superior</i>	<i>Ensino Fundamental II</i>
<i>Sexo Feminino</i>	62,5% (55)	66,7% (10)
<i>Sexo Masculino</i>	37,5% (33)	33,3% (5)

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 2: Caracterização dos participantes diante da idade.

	<i>Ensino Superior</i>	<i>Ensino Fundamental II</i>
<i>Menos de 25 anos</i>	1,1% (1)	0% (0)
<i>25 anos - 35 anos</i>	37,5% (33)	26,7% (4)
<i>36 anos - 45 anos</i>	29,5% (26)	33,3% (5)
<i>46 anos - 55 anos</i>	23,9% (21)	33,3% (5)
<i>56 anos - 65 anos</i>	5,7% (5)	6,7% (1)
<i>66 anos ou mais</i>	2,3% (2)	0% (0)

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 3: Caracterização dos participantes diante da renda mensal familiar.

	<i>Ensino Superior</i>	<i>Ensino Fundamental II</i>
<i>Até R\$ 1.500,00</i>	2,3% (2)	0% (0)
<i>R\$ 1.501,00 a R\$ 2.550,00</i>	3,4% (3)	0% (0)
<i>R\$ 2.551,00 a R\$ 5.500,00</i>	23,9% (21)	20% (3)
<i>R\$ 5.501,00 a R\$ 8.500,00</i>	23,9% (21)	33,3% (5)
<i>R\$ 8.501,00 a R\$ 11.500,00</i>	14,8% (13)	33,3% (5)
<i>R\$ 11.501,00 ou mais</i>	31,8% (28)	13,3% (2)

Fonte: Dados da pesquisa.

Contaifer *et al.* (2003) apresenta, em seu artigo, dados em que informam uma idade de “pico de produtividade e criatividade” que ocorre entre os 31 aos 50 anos de idade, quando a profissão acaba se sobressaindo sobre outros dilemas na vida das pessoas. No presente estudo, a maior parte dos professores apresentaram uma idade entre 25 anos e 55 anos (Tabela 2), ou seja, estão mais ligados a esse pico de produtividade, focando na vida profissional, o que leva ao nível de estresse maior, visto a abundância de responsabilidades.

Em relação ao estado civil dos participantes, no Ensino Fundamental II, 11 (73,3%) eram casados, 2 (13,3%) eram solteiros, 1 (6,7%) viúvo e 1 (6,7%) divorciado. No Ensino Superior, 55 (62,5%) eram casados, 19 (21,6%) eram solteiros, 12 (13,7%) divorciados, 1 (1,1%) viúvo e 1 (1,1%) em união estável.

Sobre a escolaridade, tempo de docência de cada participante e área de atuação, obtivemos os resultados que 11 (73,3%) dos professores do Ensino Fundamental II apresentam como escolaridade máxima a Pós-graduação, a maioria atua profissionalmente como professor entre 5 a 19 anos (60%) e lecionam na área de Humanas (60%). Enquanto isso, no Ensino Superior, 45 (51,1%) apresentam como máxima escolaridade o Mestrado, atuam profissionalmente entre 1 a 14 anos (66%) e a maior parte leciona na área de Humanas (44,3%).

O autor Reinhold (1996) é citado por Contaifer *et al.* (2003), e realça que o fator tempo de trabalho é considerado um dos motivos do estresse, portanto, quanto mais exposto ao ambiente profissional, maior é o nível de desgaste. Nesta pesquisa, os docentes que trabalham a maior tempo nesta profissão são os do Ensino Fundamental II, logo, estão relacionados ao maior nível de estresse.

Weber *et al.* (2015) expõe, em seu estudo, que, geralmente, os professores de séries mais iniciais (como Ensino Fundamental) acabam apresentando um nível de formação acadêmica menor em comparação aos outros docentes, e esse dado está relacionado ao pouco incentivo profissional, menor salário e pouca exigência de especialização. No presente estudo, os professores do Ensino Fundamental II apresentam um nível menor de especialização em comparação aos professores do Ensino Superior e, conseqüentemente, acabam trabalhando mais anos para conseguir chegar ao patamar salarial dos professores do Ensino Superior. Correlacionado com o tempo de trabalho, o nível maior de estresse, nesse quesito, está atribuído aos docentes do Ensino Fundamental II.

Em relação à quantidade de instituições que o participante trabalha como docente, identificamos no Ensino Superior a quantidade de 73 (83%) participantes que atuam apenas na instituição Unicesumar. O resultado do Ensino Fundamental II é bem distante ao do Ensino Superior, visto que, 9 (60%) dos docentes não trabalham apenas na instituição Colégio Santo Inácio. A parte qualitativa da pesquisa, na qual é questionado as maiores dificuldades dos docentes em relação ao trabalho, a maioria cita a administração do tempo como um impedimento. Além disso, a organização da grade dos professores do Fundamental II faz com que eles necessitem se deslocar entre escolas, visto que, em a maioria trabalha em outras instituições. Conseqüentemente, esses indivíduos apresentam menos tempo para atividades fora da sala de aula (como montar as próprias aulas), causando acúmulo de responsabilidades e maior estresse.

Sobre a saúde física e mental dos docentes do Ensino Fundamental II, 10 (66,7%) indicaram que não apresentam nenhum tipo de problema de saúde e os outros 5 (33,3%) docentes informaram doenças como transtorno de ansiedade, síndrome de *Burnout*, depressão, tendinite, doenças cardiovasculares e asma. Dos docentes do Ensino Superior, 51 (58%) informaram nenhum problema de saúde, e os outros 37 (42%) docentes informaram doenças como transtorno de ansiedade, síndrome de *Burnout*, depressão, doenças cardiovasculares, asma, gastrite crônica, diabetes, bronquite alérgica, fibromialgia, disfunção na glândula tireoide e doença celíaca. A maior parte das doenças citadas apresentam o estresse como um sintoma, ou até mesmo o estresse como o causador de doenças, como a síndrome de *Burnout* por exemplo, que foi encontrada nos dois públicos presentes na pesquisa.

3.2 A MAIOR DIFICULDADE ENCONTRADA EM RELAÇÃO AO TRABALHO DOS DOCENTES

Em uma das únicas questões qualitativas apresentadas nessa pesquisa, indagamos os participantes a responderem quais eram as maiores dificuldades encontradas em relação ao seu trabalho. Diversas questões foram obtidas, mas a maior dificuldade encontrada relatada pelos dois públicos (Ensino Superior e Fundamental II), foi a questão do tempo, que está relacionada à quantidade excessiva de demanda das instituições e prazos muito curtos. Além disso, muitos docentes destacaram que as aulas remotas e o uso demasiado de tecnologias em decorrência da pandemia do novo Coronavírus justificam o estado de estresse elevado atualmente.

Os docentes do Ensino Fundamental II atestam como maior desafio da profissão o desinteresse dos alunos, acompanhado da dificuldade de lidar com os pais dos discentes. Knüppe (2006), em seu artigo sobre motivação nos professores do Ensino Fundamental, foca muito na visão das dificuldades desses professores em lidar com pais de alunos, visto que, muitas vezes, os pais possuem um desejo que não é o mesmo de seu filho, dificultando a entrega de trabalhos e tarefas, diminuindo a aprendizagem, o que acaba distribuindo esses problemas para os docentes, causando mais responsabilidades, mais problemas e mais estresse. Porém, não podemos invalidar as adversidades enfrentadas pelos professores universitários que, por outro lado, elencam problemas com a alta demanda de trabalho exigida em curto prazo.

A investigação sobre a presença do estresse em docentes atuantes em diferentes níveis de educação permite não só a compreensão sobre o que é estresse, mas também noções sobre a qualidade de vida prejudicada pelas demandas do serviço escolar tanto para os leitores em geral quanto para os participantes da pesquisa e profissionais da mesma área que exercem o ofício imersos na opinião popular que desvaloriza professores a partir de uma visão reducionista (SANTOS, 2015).

3.3 ESCALA LIKERT

Ainda entre as questões alternativas, os participantes responderam 23 tópicos organizados em escala *Likert* que apresentavam afirmações sobre docência, saúde física e mental, fatores emocionais e os sentimentos.

Nas afirmativas sobre docência, 40% dos professores do ensino fundamental concordam totalmente que não recebem um bom salário pelo trabalho que realizam e sentem que sua produtividade está menor do que era antes. Além disso, 53,4% sentem desânimo em retomar ao trabalho depois do fim de semana e 60% alegam não ter tempo suficiente para atividades de lazer. Em contrapartida, a minoria deles (13,3%) concorda totalmente com a afirmação “pensar em dar aula é algo que não me anima”. A respeito disso, Knüppe (2006) reitera que alunos motivados são formados por educadores motivados, sendo assim, a partir da coleta de dados feita com discentes do ensino fundamental, observamos que, além de desencadear sintomas estressantes, a falta de motivação também prejudica o trabalho efetivo do professor em relação a aprendizagem do aluno.

Acerca dos professores universitários, encontramos uma disparidade entre as respostas sobre a docência, no entanto, pertencem ao grupo com maior ocorrência de queixas físicas e psicológicas. 51,2% concordam totalmente ou parcialmente que sentem dor de cabeça em vários dias da semana e 61,3% tiveram hiperacidez estomacal (azia) sem nenhum motivo aparente nas últimas semanas. 56,8% concordam totalmente ou parcialmente que tem autoestima baixa e 46,6% fizeram ingestão de álcool, fumo ou alimentação compulsiva por conta de situações recentes da vida. De acordo com esse contexto, um estudo de Dalagasperina e Monteiro (2016) reconhece que a atividade laboral exercida pelo docente causa risco à sua saúde física, mental e psicossocial. Além disso, a maior dificuldade encontrada pelos docentes sobre a grande demanda de trabalho em curto

prazo é apresentada pelas autoras como justificativa para o negligenciamento da saúde pessoal dos profissionais.

Quando questionados sobre fatores emocionais e sentimentos, 45,6% dos professores participantes discordam com a afirmação “estresse é algo que não acontece comigo”, o que permite observar nos docentes a capacidade de reconhecer a presença do estresse no cotidiano. Essa estatística se assemelha ao estudo de Sadir, Bignotto e Lipp (2010), que constatou grande compatibilidade entre a autopercepção do estresse e seu diagnóstico clínico em um grupo de 106 adultos. As dimensões emocionais do trabalho docente são entendidas como um conjunto de emoções resultantes das interações dos professores no exercício da docência: a relação com os alunos, família, os demais profissionais do ambiente escolar, bem como as emoções decorrentes das condições de trabalho e as mudanças na estrutura educacional (COSTA E LUGLI, 2020). Considerando todas as relações afetivas e simbólicas que cercam os profissionais da docência e as afirmativas coletadas pela pesquisa, admitimos uma ligação prejudicial direta entre qualidade de vida e o exercício da docência.

3.4 TALP

Para finalizar a pesquisa, utilizamos a técnica de associação livre de palavras (TALP), para relacionar as expressões dos participantes a palavra “Estresse”, obtivemos como resposta predominante a expressão “cansaço”. Dentre as respostas dos docentes do Ensino Fundamental II, 9 (60%) apresentavam a expressão, enquanto no Ensino Superior obtivemos 44 (50%) respostas com a mesma expressão.

Nas respostas obtidas no Ensino Fundamental II, podemos destacar as seguintes expressões, além do cansaço: “desânimo” com 3 (20%) respostas, “trabalho”, “tristeza”, “irritabilidade” e “tempo” todas com 2 (13,4%) respostas cada.

Nas respostas obtidas do Ensino Superior, as expressões mais citadas além do cansaço foram as seguintes: “irritabilidade” com 19 (21,6%) respostas, “trabalho” com 18 (20,5%), “desânimo” com 15 (17,1%), “ansiedade” e “tristeza” com 11 (12,5%), “tempo” com 8 (9,1%), “nervosismo” com 7 (7,9%), “exaustão” e “fadiga” com 5 (5,6%), “esgotamento” e “sobrecarga” com 4 (4,6%), “depressão”, “frustração”, “dificuldade financeira”, “instabilidade emocional”, “preocupação” e “pandemia” com 3 (3,4%), entre outras. Sobre isso, CONTAIFER *et al.* (2003, p.220) defende:

O estresse é uma reação do organismo com componentes físicos e/ou psicológicos, que surgem quando a pessoa se confronta com uma situação de extremo aborrecimento, sendo nesse caso denominado de distresse, ou de muita alegria, denominado de eutresse.

A maior parte das expressões utilizadas pelos docentes para descrever o estresse, são sintomas do mesmo, como, cansaço, fadiga, ansiedade, nervosismo, etc. Contaifer *et al.* (2003) esclarece que, geralmente, o estresse é visto dessa forma, já que o conceito ainda está muito ligado a concepções antigas, quando apenas existia uma forma “ruim” de estresse. Em pesquisas mais novas podemos identificar fases no estresse, onde existe uma etapa “boa” e uma “ruim”. Porém, o conceito que circula na sociedade e o que foi interpretado na pesquisa é aquele onde o estresse é apenas um fenômeno negativo.

4 CONCLUSÃO

Participaram desta pesquisa 103 professores: 88 atuantes no Centro Universitário de Maringá e 15 no Colégio Santo Inácio, instituições de ensino privadas localizados em Maringá, no Paraná. Os dois grupos comparativos selecionados para a pesquisa

concordam que uma das maiores dificuldades encontradas no trabalho do docente é a alta demanda de trabalho exigida em curto prazo. No entanto, os professores do Fundamental II apresentam uma dificuldade extra e citam frequentemente a falta de interesse dos alunos combinada ao desamparo dos pais como um grande problema enfrentado pela profissão. Além disso, a maior parcela de participantes da pesquisa é do sexo feminino e leciona na área de ciências humanas, são casadas e estão na faixa etária de 25 à 45 anos com remuneração acima de R\$ 5.501,00. Sobre isso, Costa e Lugli (2020) reiteram que as dimensões emocionais do trabalho docente engloba, além das dinâmicas do ambiente escolar e do sistema de ensino, a relação com os alunos e a família, por isso, podemos conferir a presença do estresse nos professores do ensino Fundamental II, segundo Faro e Pereira (2013), por assumirmos que o estresse é um fenômeno psicossocial e os fatores sociais influenciam sua intensidade (apud Aneshensel, 1992; Aneshensel, 2005; Angus *et al.*, 2007; DeVries, Grasper, & Detillion, 2003).

REFERÊNCIAS

ABACAR, M.; ROAZZI, A.; BUENO, J. M. H. Estresse ocupacional: percepções dos professores. **Revista AMAzônica**. Universidade Federal do Amazonas, ano 10, v. 19, n. 1, jan./jun., 2017, p. 430-472.

BATISTA, J. B. V.; CARLOTTO, M. S.; COUTINHO, A. S.; PEREIRA, D. A. M.; AUGUSTO, L. G. S. O ambiente que adoce: condições ambientais de trabalho do professor do ensino fundamental. **Caderno Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 234-242, 2010. Disponível em: http://www.cadernos.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2010_2/artigos/CSCv18n2_234-242.pdf. Acesso em: 11 maio 2020.

CAVALACHE, Nayara Henrique; RODRIGUES, Larissa Vasconcelos. A percepção dos profissionais de contabilidade sobre o estresse laboral na região do Cariri. **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, 2018, v.12, n. 42, supl. 1, p. 465-480. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1445>. Acesso em: 03 mar. 2021

CODO, W. **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.

CONTAIFER, T. R. C.; BACHION, M. M.; YOSHIDA, T.; SOUZA, J. T. Estresse em professores universitários da área de saúde. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, RS, v. 24, n. 2, p. 215-225, agosto de 2003. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4475/2408>. Acesso em: 11 mai. 2020.

COSTA, M. M. da; LUGLI, R. S. G. Representações das emoções do trabalho docente em uma perspectiva histórica. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 46, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022020000100512&lng=en&nrm=iso. Acesso em 11 nov. 2020.

DALAGASPERINA, P. O estresse e a síndrome de burnout em professores do ensino privado do Rio Grande do Sul. **Programa de Pós-Graduação em Psicologia**, São Leopoldo- Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/3913/26.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 11 mai. 2020.

DALAGASPERINA, P.; MONTEIRO, J. K. Estresse e docência: um estudo no ensino superior privado. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 36-51, abr. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2020.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 2, n. 4, p.01-13, Sem II. 2008.

DIAS, T. L.; NEVES, M. S.; SILVEIRA, K. A.; ENUMO, S. R. Fiorim. Estresse e estratégias de enfrentamento de professores: um estudo comparativo. **Rev. Triângulo**. Uberaba, MG. v. 11, n.2, p. 264-279, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/2609>. Acesso em: 12 out. 2020.

FARO, A.; PEREIRA, M. E. Estresse: Revisão Narrativa da Evolução Conceitual, Perspectivas Teóricas e Metodológicas. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 14, n. 1, p. 78-100, mar. 2013. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862013000100006&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 01 dez. 2020.

FILGUEIRAS, J. C.; HIPPERT, M. I. S. A polêmica em torno do conceito de estresse. **Psicol. Ciênc. Prof.**, Brasília, v. 19, n. 3, p. 40-51, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 out. 2020.

KNUPPE, L. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 27, p. 277-290, Junho, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000100017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 nov. 2020.

OGEDA, Célia Regina Dallagrana *et al.* Burnout em professores: A Síndrome do Século XXI. **Revista Eletrônica de Ciência da Educação**, Campo Largo-PR, v. 3, n. 1, p. 3-19, fev. 2003. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/490/379>. Acesso em: 03 mar. 2021.

PRADO, C. E. P. Estresse ocupacional: causas e consequências. **Rev. Brasileira de medicina do trabalho**. São Paulo. 2016; v. 14, n.3, p. 285-289.

SÁ; S. C. A; DA SILVA, R. M; KIMURA, C. A; PINHEIRO, G. Q; GUIDO, L. de A; MORAES-FILHO, I. M. Estresse em docentes universitários da área de saúde de uma faculdade privada do entorno do Distrito Federal. **Rev. Cient. Sena Aires**. Out-Dez 2018; 200-7.

SADIR, M. A.; BIGNOTTO, M. M.; LIPP, M. E. N. Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 45, p. 73-81, Apr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2010000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 11 nov. 2020.

SANTOS, W. A. Uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor. **Sapere Aude**. Belo Horizonte, MG. v. 6, n. 11, p. 349-358, 2. sem. 2015.

SCHNEIDER, S.; SCHIMITT, C. J. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998. Disponível em: <http://nc-moodle.fgv.br/cursos/centro_rec/docs/o_uso_metodo_comparativo.pdf>. Acesso em 16 de abr. 2020.

WEBER, L. N. D.; LEITE, C. R.; STASIAK, G. R.; SANTOS, C. A. da S.; FORTESK, R. O estresse no trabalho do professor. **Imagens da Educação**. Paraná. v. 5, n.3, p. 40-52, 2015. Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/25789/pdf_47. Acesso em 11 maio 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Diseases 11th Revision**. 2018. Disponível em: <https://icd.who.int/en>. Acesso em: 03 mar. 2021.